

# Berna e as cartas de Clarice: um olhar comparado sobre a cidade sitiada de Clarice Lispector

Lívia Paiva Ribeiro<sup>1</sup>  
Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

---

**Resumo:** Este artigo apresenta como objetivo uma análise comparada entre as cartas e crônicas escritas pela autora Clarice Lispector durante sua permanência em Berna, na Suíça, e algumas passagens de sua obra *A cidade sitiada*, escrita nesse período e publicada em 1949. Nessa perspectiva, este artigo busca analisar alguns pontos de contato entre a obra citada e as cartas enviadas pela autora aos amigos e parentes, considerando as marcas registradas da escrita clariceana.

**Palavras-chave:** *A cidade sitiada*; Berna; cartas; Literatura Comparada; Clarice Lispector.

---

## Introdução

A obra *A cidade sitiada* é o terceiro romance de Clarice Lispector, escrito durante a permanência da autora em Berna, na Suíça, e publicado em 1949. Considerado pela própria autora como um dos livros mais árduos em sua elaboração, a obra retrata a vida de Lucrecia Neves em meio ao desenvolvimento imprescindível de S. Geraldo, um subúrbio que sobrevive entremeado aos resquícios do passado e às promessas do futuro. Os anseios silenciosos da protagonista, que sonha em ver-se livre dos muros de S. Geraldo ao mesmo tempo em que se sente presa à própria monotonia, misturam-se aos demais personagens – como Perseu, Ana Neves, Efigênia, Felipe – representantes de um cenário silencioso de diálogos, mas rico em reflexões objetivas.

Clarice Lispector viveu em Berna, na Suíça, durante três anos ao acompanhar seu marido Maury Gurgel Valente em suas atividades como diplomata. A inquietude e angústia provocadas pela vivência na cidade são demonstradas através das cartas trocadas com suas irmãs. Nessas cartas, Clarice retrata o silêncio e o tédio provocado por Berna, bem como sua dificuldade em escrever *A cidade sitiada*. A tranquilidade descrita nas linhas demonstra o ar sufocante em que a escritora vive, descrevendo a cidade como um ambiente entediante.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha

Nesse sentido, este artigo busca analisar os pontos de contato entre as cartas escritas por Clarice Lispector durante sua vivência em Berna e a obra *A cidade sitiada*, observando a descrição de S. Geraldo e enfatizando ainda a personagem Lucrécia e sua relação inquieta com o subúrbio em desenvolvimento.

## 1. Capítulo I: S. Geraldo e as cartas

A breve descrição de Berna nas cartas enviadas por Clarice Lispector às suas irmãs e aos amigos revela a existência de uma cidade silenciosa, extremamente pacata, monótona. Berna possui uma tranquilidade inquietante e tediosa vivenciada pela autora como uma espécie de via crucis particular. Os três anos de permanência na cidade suíça permitiram um tempo maior para dedicar-se às cartas trocadas entre as irmãs e entre amigos como Fernando Sabino, Lúcio Cardoso e Manuel Bandeira. Nesse espaço de tempo, Clarice Lispector possuiu como maior companhia uma máquina de escrever, devidamente repousada em seu colo, na qual a obra *A cidade sitiada* tomou forma. Nessas cartas, a angústia ao escrever esse livro também é revelada como forma de desabafo e inquietação por não conseguir concluí-lo.

Durante a narrativa de *A cidade sitiada* percebe-se a descrição de S. Geraldo como uma cidade pacata, mas interrompida pelo progresso que se faz presente nesse cenário. Apesar dos novos ares e barulhos característicos do advento do progresso, o subúrbio ainda conserva certa monotonia tediosa, conforme passagem abaixo:

Na esquina uma carroça de lamparina acesa se arrastava fustigada.  
Quando as rodas se perderam na distância, nada mais se ouviu.  
Lá estava a cidade.  
Suas possibilidades aterrorizavam. Mas nunca esta as revelou!  
Só uma ou outra vez um copo se partia. (LISPECTOR, 1992, p. 62)

Nas cartas que escreve em Berna, Clarice Lispector deixa transparecer sua angústia perante o silêncio sufocante da cidade. Numa de suas cartas do dia 29 de abril, a autora afirma que “Berna é um silêncio terrível: as pessoas também são silenciosas e riem pouco” (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p. 219). Esse silêncio inquietante ainda é revelado em outras passagens das cartas. Conviver com o silêncio era para Clarice Lispector uma tarefa árdua, penosa, a ponto de indagar-se sobre a própria convivência com a paz, aspecto que não seria inerente à humanidade, conforme trecho da carta de 5 de maio de 1946, descrita abaixo:

E o silêncio que faz em Berna – parece que todas as casas estão vazias, sem contar que as ruas são calmas. Dá vontade de ser uma vaca leiteira e comer durante umatarde inteira até vir a noite, um fiapo de capim. O fato é que não se é a tal vaca, e fica-se olhando para longe como se pudesse vir o navio que salva os naufragos. Será que a gente não tem mais força de suportar a paz? (LISPCECTOR apud GOTLIB, 1995, p. 219)

É interessante observar que em *A cidade sitiada* esse mesmo silêncio mortificante é descrito através da convivência desconfortante entre a protagonista Lucrecia Neves e sua mãe, Ana Rocha Neves. Além de inquietante, o silêncio parece ser necessário entre elas, pois qualquer palavra proferida feriria a quase insignificante existência de ambas em seu próprio espaço, conforme passagem abaixo:

Sentou-se para tomar café. Talvez pensasse de como seria burlesca a vida de ambas se elas se falassem? E de como S. Geraldo se destruiria se, em vez de espíá-lo mantendo-o fora de alcance da voz – alguém falasse enfim. Se Ana e ela conversassem, ela teria tantas vezes antes quebrado a própria resistência com uma sinceridade. Mas entre pessoas sem inteligência não havia necessidade de se explicar. (LISPECTOR, 1992, p. 59)

A descrição de S. Geraldo no início de *A cidade sitiada* revela o surgimento de uma cidade que, mesmo monotonamente, “acorda” para o progresso. As mudanças que proliferam pelas ruas do subúrbio simbolizam uma espécie de “salvação” para seus habitantes. Carroças dividem espaço com automóveis e as fumaças das fábricas aos poucos se misturam ao ar antigo do subúrbio. O barulho que interrompe o silêncio outrora característico da cidadezinha é revelado não somente pela descrição narrativa, mas pela narrativa através do olhar comodamente observador dos próprios habitantes de S. Geraldo. O “cheiro de estrebaria”, a “vida tumultuosa da rua do Mercado”, enfim, todas as antagonias presentes nesse cenário constituem o fiapo de esperança para retirar o subúrbio de seu tradicional marasmo.

Ao escrever *A cidade sitiada*, Clarice compartilha em suas cartas a importância que este romance teve durante sua permanência em Berna. Escrevê-lo representa o fio de esperança para retirar a autora de seu marasmo, assim como a chegada do progresso em S. Geraldo. Tal importância está representada no excerto abaixo extraído da crônica *Lembrança de uma fonte, de uma cidade*:

O que me salvou da monotonia de Berna foi viver na Idade Média, foi esperar que a neve parasse e os gerânios vermelhos de novo se refletissem na água, foi ter um filho que lá nasceu, foi ter escrito um de meus livros menos gostado, *A cidade sitiada*, no entanto, relendo-o, pessoas passam a gostar dele; minha gratidão a este livro é enorme: o esforço de escrevê-lo me ocupava, salvava-me daquele silêncio aterrador das ruas de Berna, e quando terminei o último capítulo, fui para o hospital dar à luz o menino. (LISPECTOR, apud GOTLIB, 1995, p.233)

Assim, enquanto S. Geraldo convivia com seus antagonismos inquietantes, Berna também proporcionava à Clarice Lispector sensações dúbias, antagônicas. Os gerânios presentes em S. Geraldo assemelham-se aos gerânios de Berna; o silêncio de S. Geraldo também está presente em Berna e os barulhos advindos do progresso que povoa S. Geraldo são os barulhos que a própria autora busca desesperadamente produzir em Berna. A comunhão Berna-S. Geraldo está nas entrelinhas e nas palavras não ditas, característica peculiar de Clarice Lispector.

## 2. Capítulo II: Lucrecia Neves, Clarice Lispector e as cartas

A descrição de Lucrecia Neves, a mocinha-mor de *A cidade sitiada*, revela um tom quase pessimista. Suas características físicas são destacadas sem muito entusiasmo, expressando um tom irônico, uma quase paródia de uma mulher limitada também fisicamente dentro de seu próprio habitat, conforme citação abaixo:

Lucrecia Neves não seria bela jamais. Tinha, porém um excedente de beleza que não existe nas pessoas bonitas. Era basta a cabeleira onde pousava o chapéu fantástico; e tantos sinais negros espalhados na luz da pele davam-lhe um tom externo a ser tocado pelos dedos. Somente as sobrancelhas retas enobreciam o rosto, onde alguma coisa vulgar existia como sinal apenas sensível do futuro de sua alma estreita e profunda. Toda a sua natureza parecia não se ter revelado: era hábito seu inclinar-se falando às pessoas, de olhos entrefechados – parecia então, como o próprio subúrbio, animada por um acontecimento que não se desencadeava. A cara era inexpressiva a menos que um pensamento a fizesse hesitar. (LISPECTOR, 1992, p. 31)

As particularidades de Lucrecia Neves beiram ao grotesco. A forma escolhida para descrevê-la é semelhante àquela utilizada pela própria autora ao relatar as características físicas e do vestuário das bernenses. Em tom quase caricatural, elas são vistas através do olhar crítico de Clarice Lispector que as retrata na superficialidade, mas com uma intenção mais profunda, irônica, conforme passagem abaixo, parte integrante da carta escrita pela autora em 5 de maio de 1946:

As bernenses até ficam engraçadinhas no verão. (...) Uma das coisas mais horríveis do vestuário das bernenses, no verão ou no inverno, é o chapéu. São os chapéus mais esquisitos, mais altos, enormes, grossos e de forma estranha que tenho visto. E dentro do chapelão uma cara séria, sem vaidade, e muitas vezes com papo no pescoço; nas jovens, o papo é bem ligeiro ainda e dá até certa graça, o pescoço parece redondo e coo elas são brancas, pode-se dizer: são pescoços redondos e brancos. (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p. 221).

As semelhanças entre Lucrecia e as bernenses restringem-se na aproximação das breves descrições físicas. Entretanto, ao refletir sobre as inquietações de Lucrecia frente ao seu anseio de libertar-se de S. Geraldo ou achar o seu lugar, percebe-se a mesma angústia presente na própria Clarice Lispector, em sua *sitiada* Berna. Um dos pontos de contato entre elas é a intensidade com que observam o mundo ao seu redor. Na cidade suíça, seu “passatempo” preferido é observar e observando tece suas considerações e suas reflexões sobre o mundo onde vive. A introspecção revela muito mais que as palavras, desnecessárias e incompetentes na tentativa de explicar o que vê, conforme afirmado na passagem abaixo:

De fato: não fala, mas pensa muito, presta atenção e registra nas cartas o que vê e pensa em relação a seus mundos, os vários mundos que estão praticamente delineados na sua amplitude e heterogeneidade: “o mundo me parece uma coisa vasta demais e sem síntese possível”, afirma, nesta mesma carta. (GOTLIB, 1995, p. 222)

A mesma atitude faz parte da rotina de Lucrecia Neves enquanto habitante de S. Geraldo. Talvez a diferença básica esteja na premissa que Lucrecia não possui a avidez necessária para refletir ou pensar, pois Lucrecia não era inteligente. Seu poder de observação restringe-se à monotonia da cidade e no tédio que esta proporciona em seu interior; na ânsia de participar de bailes e de recursar-se a uma felicidade restrita ao universo do sobrado onde vive e que faz parte do mundo pacífico de sua mãe. E ainda: ao mudar-se para a metrópole e atingir seu objetivo maior – casar-se e ter uma vida diferente daquela entediante perspectiva de S. Geraldo – a inquietude da protagonista não encontra seu fim, mas retorna à angústia anterior de sair-se do anonimato e buscar o retorno a S. Geraldo, já amplamente modificado pela presença cada vez mais marcante do progresso. Como mera espectadora, Lucrecia define seu papel de mulher sitiada, conforme excertos abaixo:

E não havia outro modo de conhecer o subúrbio; S. Geraldo era explorável apenas pelo olhar. Também Lucrecia Neves de pé espiava a cidade que de dentro era invisível e que a distância tornava de novo um sonho: ela debruçava-se sem nenhuma individualidade, procurando apenas olhar diretamente as coisas. (LISPECTOR, 1992, p. 20)

A angústia de Lucrecia em sair da rotina ou em perceber S. Geraldo toma forma ao se revelar em poucas palavras diante da figura da mãe, Ana, em um dos raros momentos de contato vocal entre elas. Em seguida, o cenário retorna ao seu silêncio anterior, entremeado de objetos que revelam a cidade de S. Geraldo presente em miniatura na casa onde vivem, misturado em sensações que teimam em não abandoná-la, conforme passagem abaixo:

...mamãe como a nossa vida é triste! gritou abafada pelas pernas da mulher. (E os bailes, e os bailes? , dizia-lhe o demônio.) Ana balbuciou qualquer coisa, cheia de pudor, ofendida: não acho! Murmurava quase altiva. (...) É que não podia suportar aquela muda existência que estava sempre acima dela, a sala, a cidade, o alto grau a que chegavam as coisas sobre a prateleira, o passarinho seco prestes a voar empalhado pela casa, a altura da torre da usina, tanto intolerável equilíbrio – que só um cavalo sabia exprimir em cólera sobre as patas. (...) (LISPECTOR, 1992, p. 58)

Clarice revela a mesma angústia em pertencer a um local que proporciona uma sensação de prisão, mesmo não sendo ela mesma uma condenada. Ou talvez assim seja, presa às suas próprias sensações, reflexões e inquietudes, presentes na crônica *Lembrança de uma fonte, de uma cidade*, conforme fragmento abaixo:



Berna é uma cidade livre, por que então eu me sentia tão presa, tão segregada? Eu ia ao cinema todas as tardes, pouco importava o filme. E lembro-me de que às vezes, a saída do cinema, via que já começara a nevar. Naquela hora do crepúsculo, sozinha na cidade medieval, sob os flocos ainda fracos de neve – nessa hora eu me sentia pior do que uma mendiga porque nem ao menos eu sabia o que pedir. (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p. 233)

Ao sentir-se sem lugar, inquieta novamente em meio ao ar de Berna, Clarice Lispector reflete sobre a inexistência de uma “raiz”, de um lugar verdadeiramente composto para alguém. Assim, ela cita na carta de 5 de maio de 1946, a conclusão a que chega sobre “pertencer-se” afirmando que “é engraçado que pensando bem não há um verdadeiro lugar para se viver. Tudo é terra dos outros, onde os outros estão contentes. É tão esquisito estar em Berna e é tão chato este domingo...” (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p. 220).

Durante o desenvolvimento da narrativa de *A cidade sitiada*, percebe-se esse mesmo sentimento de angústia pela busca de um “lugar” que possa ser caracterizado como próprio. Porém, a realidade que se encontra é apenas a do anonimato, em que pessoas estranhas cumprem seu ritual na cidade como parte da própria existência. Seu “pertencer” é mecânico, automático e a comparação da vida metropolitana de Lucrecia Neves Correia, agora casada com Mateus, com a vida interiorana e desenvolvimentista de S. Geraldo é inevitável, conforme trechos abaixo:

Caíra de fato em outra cidade – o quê! em outra realidade – apenas mais avançada porque se tratava de grande metrópole onde as coisas de tal modo já se haviam confundido que os habitantes, ou viviam em ordem superior a elas, ou eram presos em alguma roda. (...) (LISPECTOR, 1992, p. 108)

Sentada com o público, enquanto o ballet prosseguia no palco; a escuridão se abanava nos leques. Agregara-se a um povo e, fazendo parte dessa multidão sem nome, sentia-se a um tempo célebre e desconhecida. (...) (LISPECTOR, 1992, p.108)

No palco pernas e pés dançavam sem que Lucrecia Neves Correia entendesse propriamente. Da íntima incompreensão da rua do Mercado, passara à incompreensão pública. Bem que tentava iniciar-se nas expressões de rosto dos outros e nesses termos com que o mundo de Mateus mostrava conhecer os pormenores, a parte profissional das coisas. (LISPECTOR, 1992, p. 109)

Clarice Lispector imprime às suas personagens uma riqueza interior muitas vezes não-dita. Os diálogos escassos estão mais presentes nas entrelinhas e nas reflexões das personagens, conscientes do mundo em que vivem, mas cercadas predominantemente por angústias e inquietudes. Sá (1999, p. 34) retoma as observações de Gaspar Simões e afirma que Clarice “distancia-se de Joyce e Virginia

Woolf e aproxima-se de Sartre e Beauvoir, portanto do existencialismo”. Ratifica ainda as considerações de Simões ao enfatizar que a autora substitui o monólogo interior e transforma as reflexões em “expressão conceptual da realidade”. Assim, as cartas compartilhadas por Clarice Lispector não apresentam um tom de desabafo ou reflexão interior, mas, principalmente, uma visão daquela que compreende a realidade mesmo sem compreendê-la, intrigantemente contraditória, mas ainda assim, aquela que transforma o mundo em seus próprios conceitos.

### 3. Capítulo III: O poder de observação e as cartas

Durante sua permanência em Berna, Clarice Lispector deixa claramente especificada em suas cartas o poder que sua observação possui. Através de seu olhar, a cidade suíça é desmembrada ao mesmo tempo em que o mistério ainda se faz presente sobre ela. Através de palavras, a autora procura sair do isolamento que lhe é outorgado. Porém, é nas entrelinhas das cartas, no relato de suas observações que Clarice se revela. Essa característica é evidenciada pela própria autora ao deixar uma espécie de dica para a recepção da leitura. Gotlib (1995, p. 221) interroga: “Como ler, neste caso em que a palavra apenas “atrai” e se faz em função da outra coisa, escondida nas entrelinhas?” A própria Clarice Lispector responde, segundo Gotlib, sugerindo a leitura “distraída”, “em estado de disponibilidade aberta para o que não é palavra, embora dela advenha e a partir dela se instale” (GOTLIB, 1995, p. 221).

Assim, o que pode parecer mera observação, na verdade, revela a profundidade de Clarice na busca de um sentido maior.

O olhar monótono e entediante que Clarice Lispector revela ao observar Berna de sua janela, na carta de 23 de junho de 1947, é descrito na passagem abaixo:

Meu endereço é: Gerechtigkeitsgasse, 48. Defronte de casa está a fonte da justiça, com estátua respectiva, rodeada de gerânios. (...) Enfim, você vê, não é uma roda-gigante que está girando, está girando uma rodinha pequena, toda apressada e despercebida: gatos entrando pela janela, cabelos caindo na primavera, pardais fazendo ninho, cozinheira rindo, tudo isso com o mínimo sentido possível [...] (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p.243)

Essa busca de sentido para entender a monotonia é antagonicamente representada em *A cidade sitiada*. Em seu retorno a S. Geraldo, Lucrecia Neves não perdera seu hábito cotidiano de observar o outrora subúrbio enquanto esperava o retorno do marido Mateus Correia. Ao visualizar S. Geraldo, agora tão diferente de suas lembranças, a protagonista também parece buscar a mesma busca de sentido, como se o progresso tirasse algo sagrado da atmosfera da cidadezinha:

Vista do alto de uma janela a cidade era um perigo.  
Carros, de condutores invisíveis, deslizavam nágua e de súbito mudavam de direção, não se sabia por quê. S. Geraldo perdera os

motivos e agora funcionava sozinho. Bondes nos trilhos, abafavam outros ruídos, e certas coisas pareciam mover-se inteiramente silenciosas – um carro elegante apareceu tranquilo e desapareceu. Em S. Geraldo nascera uma vida diária que nenhum forasteiro perceberia. (LISPECTOR, 1992, p. 117)

O “perigo” citado na passagem acima revela a interpretação das entrelinhas do texto clariceano. A escolha do vocábulo intenciona não somente os desafios que o desenvolvimento recém instalado em S. Geraldo impõe, mas ainda, o perigo de perder-se, de não se identificar com o ambiente que pertenceu à essência de Lucrecia Neves, “atrapalhando” a sua busca ontológica. E em meio a uma S. Geraldo “estranha” a seus olhos, a protagonista vivencia a sensação de ser uma estrangeira em sua própria terra.

A sensação de “estrangeirismo” também é vivenciada por Clarice Lispector em Berna, mas, diferentemente de Lucrecia, a autora não se encontra na sua cidade natal. Porém, o sentimento angustiante é o mesmo, pois não encontra em terras estrangeiras a sua “raiz”, a sua essência ou, pelo menos, afasta-se dela, o que ocasiona o desconforto, conforme excerto abaixo:

É ruim estar fora da terra onde a gente se criou, é horrível ouvir ao redor da gente línguas estrangeiras, tudo parece sem raiz; o motivo maior das coisas nunca se mostra a um estrangeiro, e os moradores de um lugar também nos encaram como pessoas gratuitas. (...) Embora agora mesmo esteja envergonhada de ser assim, porque enquanto escrevo a catedral está batendo os sinos; fico envergonhada de não viver bem em qualquer lugar onde uma catedral bata sinos, onde haja um rio, onde as pessoas trabalhem e façam compras; mas é assim mesmo. (LISPECTOR apud GOTLIB, 1995, p. 244)

Assim, o poder de observação do texto clariceano, seja no desenvolvimento da narrativa de *A cidade sitiada*, seja nas cartas enviadas às irmãs e aos amigos, possui a característica da profundidade da autora, do “talento individual” imprescindível a todo poeta/escritor. As emoções de Clarice são desmembradas em cada página de sua obra e nos trechos de suas cartas, percebendo-se a entrega da autora ou sua “marca registrada” nas entrelinhas de suas reflexões. Nesse sentido, a afirmação abaixo compete ao texto clariceano, entremeado de impessoalidade ainda que devidamente marcado pela peculiaridade:

A emoção da arte é impessoal. E o poeta não pode alcançar essa impessoalidade sem entregar-se ele próprio inteiramente à obra que será concebida. E não é provável que ele saiba o que será concebido, a menos que viva naquilo que não é apenas o presente, mas o momento presente do passado, a menos que esteja consciente, não do que está morto, mas do que agora continua a viver. (ELLIOT, 1989, p. 48)



Dessa forma, Clarice Lispector apresenta a consciência inconsciente do existir, do viver ou do sobreviver até mesmo em ambientes pouco confortáveis ou quase desesperadores como Berna. Através de Lucrecia Neves, a autora exprime essa angústia e ânsia de libertação, de encontrar-se e de abandonar o estado sitiado. A emoção expressa na narrativa tímida de *A cidade sitiada* esconde a carga emocional de uma voz quase sufocada e não se sabe exatamente a quem se refere, contribuindo para que a impessoalidade da escrita seja ainda mais acentuada.

Nestrovski (apud JOBIM, 1992) chama a atenção para a afirmação de Elliot sobre a capacidade do artista em reconstruir a tradição, ou seja, superar-se diante daquilo que não é novo, mas que pode tornar-se novo a partir da marca que o poeta/escritor imprime. Sabe-se que Clarice Lispector esteve em contato com obras de escritores como Herman Hesse (através de *O lobo da estepe*), Monteiro Lobato, Dostoiévski, Virginia Woolf e Katherine Mansfield, porém o olhar observador da autora é realmente fruto de seu talento individual. Assim como ratifica Nestrovski (apud JOBIM, 1992, p. 215) “todo poeta, quando tem força o bastante para ingressar no contínuo da literatura, altera o passado assim como se deixa determinar por ele; a influência tem duas mãos, e o gênio é uma força de resistência capaz de equilibrar, se não suplantar, o fluxo maciço das influências passadas”.

#### 4. Considerações finais

As reflexões acerca das cartas escritas por Clarice Lispector durante sua vivência em Berna e o desenvolvimento de *A cidade sitiada*, uma obra árdua, revelam a complexidade do texto clariceano. Em contextos diferentes, mas que dividem o mesmo sentimento provocado pela angústia do “ser”, “pertencer” e “situar-se”, Clarice e Lucrecia indagam-se sobre o sentido da vida: uma em Berna e a outra em S. Geraldo.

As divagações sobre a cidade, as breves descrições das ruas e dos habitantes. A superficialidade presente nas cartas e na própria narrativa de *A cidade sitiada* revela a observação sutil, mas crítica do ambiente que compõe ambos os cenários. Elementos como a ironia e até mesmo uma dose de humor contribuem para que as descrições revelem os traços do talento individual de Clarice Lispector. Nesse caso, a maior influência recebida pela autora é a de seus próprios sentimentos intensificados pela situação de sítio em que vive. Da mesma forma, Lucrecia Neves percebe sua própria angústia se intensificar ao ver-se sitiada no subúrbio, logo em seguida, na metrópole e, novamente, em seu retorno a S. Geraldo, agora transformado pelo progresso.

Dessa forma, contrariando as primeiras reflexões sobre os estudos em Literatura Comparada, esta não acontece somente entre duas literaturas, como afirmava Van Tieghem. Assim como o estudo de Antonio Candido referente às diferentes obras alencarianas, mas que possuíam traços comuns, revelando “três Alencares”, Clarice Lispector consegue desmembrar-se nela mesma e em outras em diferentes gêneros. Seja expressa nas cartas trocadas entre as irmãs e entre célebres amigos brasileiros, seja no texto angustiante de *A cidade sitiada*, a autora

imprime seu estilo, sua linguagem, sua alegoria e, principalmente, sua intensidade artística, esta que a segrega da tradição e a consagra em seu talento individual.

## 5. Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. Os três Alencares. In: **Formação da literatura brasileira**, v. II, Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

GOTLIB, Nádia Battella. Clarice – **Uma vida que se conta**. 4ed. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1992.

MÜLLER, Fernanda. Correspondências de Clarice Lispector: da remetente à escritora de literatura. In: **Estudos Linguísticos, São Paulo**, 37 (3): 317-324, set.-dez. 2008. Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N3\\_32.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_32.pdf). Acesso em: 03/08/2012.

NESTROVSKI, Arthur. Influência. In: JOBIM, José Luis (org.) **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PONTIERI, Regina. **Clarice Lispector: uma poética do olhar**. Cotia: Ateliê editorial, 2001.

SA, Olga de. **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. São Paulo: Annablume, 1999.

WELLEK, René. A crise da Literatura Comparada. In: COUTINHO, Eduardo. F.; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Tradução de Maria L. R. Coutinho. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 108-119.

---

**Abstract:** This article aims to do a comparative analysis between the letters and chronicles written by Clarice Lispector during her experience in Berna, Switzerland, and some excerpts from the novel *A cidade sitiada*, written along this season and published in 1949. In this perspective, this article aims to analyse some common points between the novel and the letters sent by the author to friends and relatives, considering the trademarks of Clarice Lispector's style.

**Keywords:** Letters; Berna; *A cidade sitiada*; Comparative Literature; Clarice Lispector.

---

\* **Lívia Paiva Ribeiro**

**Currículo:** <http://lattes.cnpq.br/8756474397544108>

\* **Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha**

**Currículo:** <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>